

José Reinaldo F. Martins Filho

# Juntos, cantemos ao Senhor

Encontros de reflexão e oração



# Cantai-o, todos vós!

Desde o Concílio Vaticano II tem-se ressaltado a importância de cantarmos *a* liturgia e não cantarmos *na* liturgia. Quem canta *na* liturgia, canta *para* os outros, faz show e chama toda a atenção para si. Diferente é aquele que sabe cantar *a* liturgia, pois se percebe unido aos demais, num só coração e numa só voz; esse último não canta *para* os outros, mas *com* eles, pois se reconhece parte de um todo. Não há, portanto, estrelas ou expectadores, mas o *Corpo Ministerial de Cristo*.

O Mistério Pascal de Cristo é a verdadeira festa da Igreja. Para usarmos dois termos do Concílio, é a *fonte* e o *cume* da nossa fé. Daí que, tudo aquilo que rezamos, fazemos e cantamos na liturgia, sempre permanecerá em estreita união com a centralidade de Cristo, Cabeça.

Como celebração da unidade do Corpo Espiritual/Ministerial de Cristo, toda Celebração litúrgica sempre será espaço privilegiado da comunhão. Seguindo essa lógica, tudo o que venha a ferir a comunhão atenta diretamente contra a liturgia.

Numa boa festa, duas coisas não podem faltar: a comida e a bebida. O mesmo acontece na Eucaristia, que é a grande festa da nossa fé. Nas palavras de Ione Buyst, “uma liturgia sem canto des-encanta”. O mesmo Cristo feito alimento – Palavra e Eucaristia – torna-se Palavra cantada e partilhada em comunidade.

Neste pequeno subsídio tomaremos como princípio os três serviços que, segundo Gelineau, são prestados pela música na liturgia: *a) fornecer à liturgia um instrumento de celebração* – por exemplo: “[...] antes de ser uma obra literária ou musical, o hino é radicalmente um instrumento coletivo de oração”; *b) viabilizar a festa*: “[...] o que se espera é perceber facilmente a relação entre música e festa [...]”; *c) fazer entender o inaudito*. Daí optarmos por uma pedagogia que ponha em contato a reflexão e a prática, afirmando-se não apenas como um processo de aprendizagem conceitual, mas de reflexão da realidade à luz do que é proposto por cada capítulo, culminando com a experiência de oração.

Cada novo tema é precedido por um fragmento da Sagrada Escritura, com a finalidade de iluminar a leitura e a reflexão do texto que segue. Após essa etapa, que deve ser realizada conforme o ritmo de cada um, sem apressamentos desnecessários, passa-se ao momento da vivência. A essa altura, o conteúdo meditado deve se tornar oração. A repetição

dos refrãos orantes, a leitura, os trechos bíblicos, o silêncio, a reflexão e o canto final visam contribuir para essa finalidade. Para facilitar a adesão, todos os refrãos e cantos mencionados foram extraídos do Ofício Divino das Comunidades.

Não por último, é preciso alertar que, apesar de também se constituir em instrumento pessoal de formação, este material foi pensado seguindo uma lógica comunitária. Nesse sentido, propõe que os grupos de canto reservem momentos dedicados à aprendizagem, à reflexão e à oração em conjunto, para que uns possam se beneficiar da experiência dos outros. A vida nos ensina que quem caminha sozinho vai mais rápido, mas somente quem é capaz de caminhar com os outros chega, de fato, longe. Nossa intenção é que juntos possamos chegar às margens do mistério, contemplando-o na Sagrada Liturgia.

Finalizando esta breve introdução, recordamos o que está escrito no número 200 dos Estudos da CNBB, n. 79 – *A música litúrgica no Brasil*: “em se tratando de música litúrgica, sua verdade, seu valor, sua graça, não se medem apenas pela sua capacidade de suscitar a participação ativa, nem por seu valor estético-cultural, nem por seu sucesso popular, mas pelo fato de permitir aos crentes implorar os ‘*Kyrie Eleison*’ dos oprimidos, cantar os ‘*Aleluia*’ dos ressuscitados, *sustentar os ‘Maranatha*’ dos fiéis na esperança do Reino que vem”.

Um bom caminho a todos!

# Cantando em Espírito

“O Espírito e a esposa dizem:  
Vem! Aquele que ouve também diga: Vem!”  
(Ap 22,17)

“A nós descei, Divina Luz! A nós descei, Divina Luz!”, cantam de Norte a Sul, embalados pela melodia de Reginaldo Veloso. Jovens, crianças, adultos e idosos, unidos por um mesmo espírito, cantam ao Espírito de Deus, sopro de vitalidade, ternura e paz. Unem-se ao fio da história que, tendo passado pelas inúmeras gerações que nos antecederam, alcança também a nós, os homens e as mulheres de hoje.

Antes de tudo, é preciso dizer que o canto litúrgico é um canto espiritual. É o canto dos reconciliados, unidos em “espírito e verdade”. É o canto que brota das profundezas do humano, de sua mais recôndita morada interior. É o canto que transcende toda e qualquer limitação, intermediando a relação entre o céu e a terra. Agostinho já havia advertido: “volta para dentro de ti, pois em ti encontra-se a verdade”. Eis, pois, a dimensão do espírito, o rastro generoso do

Criador na criatura: soprou-nos em nossas narinas e concedeu-nos vida plena e em abundância. O mesmo Espírito que, na Segunda Aliança, foi derramado sobre os apóstolos, força dos fracos e consolação dos que sofrem.

O canto litúrgico também é um canto espiritual, que brota do espírito e nos eleva ao Espírito. Ou melhor, é canto espiritualizado e que gera espiritualidade. Isso porque espiritualidade também tem a ver com o Espírito, o Espírito de Deus. Em sua Carta aos Efésios, mesmo estando preso, Paulo estimula que os membros da comunidade animem-se uns aos outros “com salmos, hinos e canções espirituais” (cf. Ef 5,19), cantando, de todo coração, àquele que os chamou das trevas com sua luz maravilhosa. Semelhante admoestação encontramos na Carta aos Colossenses: “cantem salmos, hinos e cânticos espirituais; louvem a Deus com gratidão no coração” (Cl 3,16).

É provável que em nenhuma outra época tenha se falado tanto a respeito do Espírito Santo. Apesar disso, também é provável que muitas comunidades ainda não tenham compreendido suficientemente o que significa cantar com espiritualidade. Por um lado, requer a capacidade de nos retirarmos do centro das atenções; de nos reconhecermos como intermediários e não como protagonistas da ação de Deus na história. Por outro, deixar que o Espírito cante em nós

de modo algum significa dispensar nossa parcela de esforço e dedicação.

Conta-se que em certa comunidade havia um jovem padre, recentemente ordenado para esse ministério. Antes de cada nova celebração ele se preparava, lia o texto das leituras propostas pelo calendário litúrgico, meditava à luz da realidade em que estava inserido, fazia anotações e preparava a sua homilia. Foi assim por muito tempo, até que uma ideia lhe veio à mente: “que tal se no próximo domingo, ao invés de fazer como sempre, eu deixasse o Espírito Santo falar em mim?!”. E assim fez. Não se preparou como de costume e sequer leu previamente as leituras daquela celebração. No momento da reflexão, falou aos quatro cantos. Falou como nunca tinha falado. Os dez minutos habituais dilataram-se em mais de uma hora. Enfim, feliz pela longa pregação, deu a homilia por encerrada e continuou a missa.

Após a bênção final, um homem o aguardava junto à porta da sacristia. Julgando antecipar o que lhe seria dito, soltou logo o vigário: “Ah, você deve estar aqui para me parabenizar pela homilia de hoje. Saiba que hoje deixei o Espírito Santo falar em mim. Foi o Espírito Santo quem pregou hoje”. Para sua surpresa, contudo, respondeu o homem: “Pois, então, seu padre, saiba que o senhor prega bem melhor que esse tal Espírito Santo!”.

Episódios como esse podem ser mais comuns do que imaginamos, e não apenas com relação às pregações, mas aos demais ministérios exercidos em nossas celebrações. Quantos cantores, julgando deixar tudo a cargo do Espírito, não se reúnem com antecedência para escolher os cantos e ensaiá-los um a um. É claro que o Espírito Santo pode agir em nós. E, de fato, age! Mas não sem que nos preparemos para isso. Uma boa celebração não é feita de improvisos, há muita transpiração nos “bastidores” da festa.

O comodismo e a preguiça atentam contra o Espírito de Deus. Quem se prepara, ao contrário, reconhece a responsabilidade que tem por fazer frutificar os talentos recebidos, não se valendo de prepotência ou de arrogância com relação à comunidade. Quem se prepara, reconhece-se servidor dos demais, no exercício de um ministério que visa contribuir para o fortalecimento de sua própria espiritualidade e da espiritualidade dos outros. Espiritualidade, nesse sentido, supõe esforço e dedicação. Supõe a perseverança de quem experimenta a presença de Deus no cotidiano da vida. Diziam os antigos: “a oração é a vida do coração novo”.

## Vivência

Refrão orante: “A nós descei, divina luz! (*bis*) Em nossas almas acendei o amor, o amor de Jesus!” (*bis*) (ODC, n. 184).



O refrão pode ser repetido várias vezes, enquanto o grupo vai tomando consciência da ação do Espírito Santo e de sua presença atuante. Aos poucos, a repetição vai se adequando ao movimento natural da respiração. Inspira-se o ar com suavidade pelas narinas. Em seguida, expira-se entoando o refrão orante.

Após um breve momento de silêncio, alguém proclama em voz alta os versículos que seguem:

– “Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança pulou de alegria em seu ventre, e Isabel ficou repleta do Espírito Santo” (Lc 1,41).

– “Mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito” (Jo 14,26).

– “E, tendo dito isso, soprou sobre eles e disse-lhes: ‘recebi o Espírito Santo’” (Jo 20,22).

– “A Igreja, entretanto, vivia em paz em toda a Judeia, Galileia e Samaria. Ela se consolidava e andava no temor do Senhor e, com a ajuda do Espírito Santo, crescia em número” (At 9,31).

Segue um momento de silêncio.

Repete-se algumas vezes o refrão orante.

*Reflexão:* O que entendemos por espiritualidade? O que é o Espírito Santo para nós? Como ele pode agir em nós? O que significa, para nós, cantar “em espírito e em verdade”? Temos nos preparado suficientemente para o exercício do nosso ministério? Como têm sido os nossos ensaios?

## Canto final (ODC, n. 188)

Vinde, Espírito de Deus  
e enchei os corações  
dos fiéis com vossos dons.  
Acendei neles o amor  
como um fogo abrasador,  
vos pedimos, ó Senhor.

*E cantaremos aleluia!  
E a nossa terra renovada ficará;  
se o vosso Espírito, Senhor, nos enviais.*

Vós unistes tantas gentes,  
tantas línguas diferentes,  
numa fé, na unidade.  
Pra buscar sempre a verdade  
e servir o vosso Reino  
com a mesma caridade.